

# SOBRE DIZER

ENSAIO FENOMENOLÓGICO  
EM TORNO DA LINGUAGEM



**Universidade Estadual de Santa Cruz**

---

**GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA**

RUI COSTA - GOVERNADOR

**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO**

DANILO DE MELO SOUZA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ**

ALESSANDRO FERNANDES DE SANTANA - REITOR

MAURÍCIO SANTANA MOREAU - VICE-REITOR

---

**DIRETORA DA EDITUS**

Rita Virginia Alves Santos Argollo

**Conselho Editorial:**

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente

Angye Cássia Noia

Antônio Carlos Luz Costa

Cacá Gonçalves

Eduardo Lopes Piris

Elilton Rodrigues Edwards

Jussara Tânia Silva Moreira

Lurdes Bertol Rocha

Marcial Cotes Jorge

Maurício Santana Moreau

Rita Jaqueline Nogueira Chiapetti

Sabrina Nascimento

Ronan Xavier Corrêa

Wagner de Oliveira Rodrigues

---

SANQUEILO DE LIMA SANTOS

# SOBRE DIZER

ENSAIO FENOMENOLÓGICO  
EM TORNO DA LINGUAGEM

Ilhéus - Bahia



Editora da UESC

2022

Copyright ©2022 by SANQUEILO DE LIMA SANTOS

Direitos desta edição reservados à  
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,  
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,  
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

### PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E CAPA

Álvaro Coelho

### REVISÃO

Roberto Santos de Carvalho

---

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B214 Santos, Sanqueilo de Lima  
Sobre dizer: ensaio fenomenológico em torno  
da linguagem / Sanqueilo de Lima Santos. –  
Ilhéus, BA: Editus, 2022.  
119 p.: il.  
  
Inclui referências.  
ISBN: 978-65-86213-94-2  
  
1. Fenomenologia. 2. Linguagem e línguas –  
Filosofia. 3. Filosofia moderna. 4. Ensaio –  
Filosofia. I. Título.

CDD 142.7

---

Elaborado por Quele Pinheiro Valença – CRB- 5/1533

### EDITUS - EDITORA DA UESC

Universidade Estadual de Santa Cruz  
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil  
Tel.: (73) 3680-5028  
[www.uesc.br/editora](http://www.uesc.br/editora)  
[editus@uesc.br](mailto:editus@uesc.br)

EDITORA FILIADA À











## APRESENTAÇÃO

Renunciar à precisão analítica e à seguridade objetiva que o método científico de exegese propicia é o custo de uma pretensão, ao mesmo tempo mais modesta e mais audaciosa do que a disciplinar. Mesmo assim, operamos essa renúncia e nos concedemos espaço para efetuar um comentário, por assim dizer, mais especulativo e dialogal dos pensadores aqui visitados. Esse tratamento é mais modesto, porque não visa concorrer com o grau de certeza ou precisão dos resultados das pesquisas e das leituras feitas por especialistas quanto aos pensadores aqui abordados; mais audaciosa, porque aposta na relevância de uma leitura mais pessoal desses mesmos autores, como dito, mais especulativa, dialogal, para efetuar aquilo que, em tom de rechaço, Umberto Eco chama de “uso do texto”<sup>1</sup>, portanto, para adotar uma interpretação guiada principalmente pela *intentio lectoris*. Proceder nessa direção equivale, justamente, a colocar em suspeição a confiabilidade da interpretação aqui praticada que, via de regra, em se tratando de pensadores que criaram escola, precisa se ater mais à *intentio auctoris* e, sobretudo, à *intentio operis*, como gesto de compromisso com a autonomia do texto.

No entanto, e por isso mesmo, optamos pelo ensaio, um gênero que permite percursos que seriam improváveis ou que são encontrados com muito pouca frequência nos contextos em que se prima pelo estado da arte. De acordo com Lukács, que defende que a crítica ou o ensaio são do gênero artístico, “na ciência, são os

---

<sup>1</sup> Confira ECO (2001).

conteúdos que atuam sobre nós; na arte, as formas; a ciência nos oferece fatos e suas conexões; a arte, almas e destinos”<sup>2</sup>. Ainda segundo o mesmo autor, o ensaio seria o mais apto a expressar um tipo *sui generis* de vivência:

De tudo o que já foi dito, você sabea que vivências me refiro e de que espécie são. Trata-se da vivência intelectual, da vivência conceitual — as questões intelectuais vividas sentimentalmente, como realidade imediata, como princípio espontâneo da existência; a concepção de mundo em sua pura nudez, como acontecimento anímico, como força motora da vida.<sup>3</sup>

Assim, adoto um gênero mais permeável ao “desvio”, mais exposto ao erro e ao improvisado do que o científico, porém mais adaptado a visões singulares. Colocar a própria escrita sob a qualificação de ensaio é como dizer que apresenta uma exposição que tem as características de algo provisório, suspendendo a intenção de chegar a algo definitivo. Como sugere a própria palavra, o ensaio supõe voltar sobre a mesma composição várias vezes, percebendo e corrigindo, a cada vez, as imperfeições, antes de ser levado à sua forma definitiva para o público. Assim, o ensaio é, antes de tudo, dirigido ao próprio autor, como uma oportunidade que esse dá a si mesmo, para se franquear uma visão geral e de conjunto da sua experiência e do seu saber, em termos de sentido, relevância, verossimilhança... O ensaísta, ainda que venha a levar a público os seus escritos, não se compromete com a obrigação de afirmar algo que pudesse, a partir de então, ser assegurado tal e qual, por completo, sem

---

<sup>2</sup> (LUKÁCS, 2017, p. 33)

<sup>3</sup> (LUKÁCS, 2017, p. 39)



revisões ou ponderações. Mas, com isso, recompensa o leitor com uma não omissão daquilo que permanece na zona da perplexidade, da abertura, da dúvida e até mesmo da contradição.

Com efeito, unir em um mesmo discurso e em uma pretensa continuidade de sentido autores como Benjamin, Merleau-Ponty, Heidegger, Wittgenstein e Platão seria, do ponto de vista de uma exposição ao estilo mais analítico ou estrutural, praticamente inviável; pois a conjunção de autores tão heterogêneos repele qualquer tentativa de manter a seu respeito um tratamento restrito ao objeto “texto” e impulsiona uma interpretação divinatória<sup>4</sup>, associações provisórias e uma docilidade às sugestões retóricas.

No célebre texto *O ensaio como forma*, Adorno caracteriza a especificidade do ensaio, com base em traços que enumeramos da seguinte forma: a felicidade e o jogo como motivos da sua escrita, o despropósito; autonomia estética no trato com os conceitos; responsabilidade para com a própria coisa em questão; validade cognoscitiva da experiência humana individual; recusa da separação entre filosofia primeira e filosofia da cultura; interdependência entre o conteúdo objetivo e o “como” da sua exposição ou a “interação recíproca de seus conceitos no processo da experiência intelectual”; a fragmentariedade ou descontinuidade; o seu parentesco com a retórica; a sua afinidade com a imagem e a heresia em relação a correntes e escolas<sup>5</sup>. Acerca dessas características, a principal delas, ao nosso ver, é a que fala da mútua constituição do modo de exposição e do conteúdo expresso, ou seja, a interação recíproca dos

---

<sup>4</sup> Confira Schleiermacher (1999).

<sup>5</sup> Confira Adorno (2003).

conceitos no processo da experiência intelectual; pois é nela que se destaca o modo de elaboração que dispensa o método objetivo e o modelo da exposição em forma de sistema. Todas as demais características enumeradas acima são decorrentes dela.

A exposição é, por isso, mais importante para o ensaio do que para os procedimentos que, separando o método do objeto, são indiferentes à exposição de seus conteúdos objetivados. O ‘como’ da expressão deve salvar a precisão sacrificada pela renúncia à delimitação do objeto, sem, todavia, abandonar a coisa ao arbítrio de significados conceituais decretados de maneira definitiva. Nisso, Benjamin foi mestre insuperável. Essa precisão não pode, entretanto, permanecer atomística. O ensaio exige, ainda mais que o procedimento definidor, a interação recíproca de seus conceitos no processo da experiência intelectual.<sup>6</sup>

Sobre essa importância do “como” da expressão, no ensaio, podemos mencionar a seguinte passagem de Robert Musil, no romance *O Homem sem Qualidades*:

Até a tradução da palavra ‘ensaio’ como ‘tentativa’, segundo se fez, contém apenas vagas alusões à imagem literária; pois um ensaio não é a expressão secundária nem provisória de uma convicção que em melhores condições poderá ser considerada verdade ou reconhecida como erro (só os textos e tratados que os eruditos apresentam como ‘dejetos da sua oficina’ pertencem a essa espécie); mas um ensaio é a forma única, e irrevogável, que a vida interior de uma pessoa assume num pensamento decisivo.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> (ADORNO, 2003, p. 29).

<sup>7</sup> MUSIL. *O Homem sem Qualidades*, 2018, Posição 4729.

Nessa adesão à atitude de se valer do modo de expressão, preserva-se um rigor e uma preocupação com a validade do conhecimento que se adapta a percursos impossíveis de sistematizar. No presente trabalho, a heresia quanto ao sistema pode ser apontada no fato de que pensadores alocados em escolas distintas, indiferentes ou incompatíveis entre si, sobre cujas obras as comunidades de pesquisa se dividiram e se especializaram, quase como estudo incomunicáveis, são coordenados em uma única reflexão, tendo a linguagem como fio condutor. Com efeito, os autores aqui abordados podem ser associados à teoria social (Castoriadis), escola de Frankfurt (Walter Benjamin), à fenomenologia (Merleau-Ponty), à hermenêutica (Heidegger), à filosofia analítica e ao positivismo lógico (Wittgenstein) e à filosofia antiga (Platão). Já têm seus terrenos, para não dizer seus “territórios”, firmemente estabelecidos na divisão de trabalho da comunidade acadêmica. Fato conhecido, a esses terrenos, ocupados por seus respectivos especialistas, corresponde o nome de certos pensadores, acerca dos quais estão particularmente “autorizados” a emitir juízo. O gesto questionável de emitir juízo, fazer análise, efetuar interpretações, misturando os debates, sem estar, como o especialista, inteirado do estado-da-arte, pode com razão ser comparado com o ato herético.

Mas talvez seja possível atenuar esse pecado sistemático, lembrando que o caráter especulativo do ensaio, o seu rigor quanto ao sentido obtido pela “interação entre o conceitos”, a “experiência de pensamento”, inseparável do percurso e do modo de expressão, tem parentesco com o lúdico. O momento cognoscitivo do lúdico precede geneticamente todos os demais por ser o da pura experimentação frente ao desconhecido. Sua liberdade constitui a espontaneidade consciente, fascinada pelo

e atuante sobre o múltiplo, mutável e diverso, previamente necessária a toda distinção entre erro e acerto, para que as aparências, a variação de suas combinações e suas relações, sejam percorridas na infinidade que lhe é própria. Nesse sentido, é de se esperar que a adoção do fio condutor não é percorrida nem em sentido genético, nem histórico, mas ao correr da pena, segundo as possibilidades de conexão temática às quais o ensaísta está mais afeito. Nesse sentido, também não se deve estranhar o emprego dos recursos da retórica, tais como as transições gradativas, o raciocínio por analogia e por familiaridade, o emprego da metáfora, da imagem, da sugestão, da ironia e, tabu dos tabus, da opinião. Talvez o acesso ao sentido e à compreensão do pensamento dos pensadores em geral, não apenas do que serão aqui explorados, não esteja vedado à especulação e ao jogo. Indo mais longe, talvez inclusive o aprofundamento dos respectivos conceitos não esteja franqueado exclusivamente à exegese especializada.

Aludimos à distinção de Umberto Eco entre *intentio lectoris*, *intentio auctoris* e *intentio operis*. Ela foi utilizada pelo teórico para distinguir interpretações válidas de um “uso” pretensiosamente hermenêutico do texto, porém potencialmente descontrolado. Mas, aqui, indagamos se não haveria, do ponto de vista do próprio ser, ou de uma especulação atenta e demorada, ocasião em que as três intenções coincidiriam; se o sentido autêntico e válido não seria, assintoticamente falando, o “mesmo” projetado pelo leitor, concebido pelo autor e formulado na obra. Ora, ao nosso ver, é justamente no pensamento especulativo levado a bom termo que essa coincidência é idealmente possível. Esse ponto de fuga ideal, talvez de fato inatingível, recuaria essa distinção ao segundo plano, se atingíssemos o sentido em si e para si.

Se o presente ensaio conta com uma margem de concessão tão tolerante, por parte de seus receptores, do que se dispõem a nos acompanhar emprestando crédito e hipóteses *ad hoc*, uma vez que nos permitimos um pensar espontâneo e quase pessoal, por outro lado, considerando que o espaço lógico esboçado se mostra flutuante e vulnerável, convida a uma crítica que possa abarcar e ultrapassar os argumentos e percepções aqui expostas. Assim, depois que o receptor conceder tudo, será recompensado com uma interlocução autônoma com o pensamento percorrido e a crítica se confundirá com autoria. Tudo isso é dito, portanto, em tom de convite a um caminho de pensamento.

O fio condutor da linguagem, então, é sucessivamente cotejado com os temas do silêncio, do caos e do cosmo, da tradução, da expressividade enraizada no corpo, do dizer poético auscultador, dos paradoxos da metalinguagem e da ideia. As ligações são obtidas pela assimilação ou paralelo temático. Em tal percurso, emerge, com crescente nitidez, o que chamamos de “voz filosófica”, aquela em que o ser, o pensar e o dizer se completam em um compromisso radical e paradoxal com todo e qualquer sentido possível.

Sanqueilo de Lima Santos  
Ilhéus, 11 de julho de 2022



## SUMÁRIO

- **17** Sobre dizer: ensaio fenomenológico em torno da linguagem
- **35** Walter Benjamin – magia, finitude e proliferação da linguagem humana
- **49** Merleau-Ponty – vozes do silêncio, estilo, palavra verdadeira
- **65** Heidegger – poesia, escuta, palavra inaugural
- **83** Wittgenstein – a escada no abismo
- **101** Platão – dialética, transcendência imanente das ideias
- **117** Referências